

Envelhecer hoje: entre pesquisas, políticas e poesia

Desiree Cipriano Rabelo

Durante muito tempo pensar sobre envelhecimento presumia adentrar-se em questões morais, religiosas, românticas. A obediência devida a eles, tem raízes nas próprias escrituras: “Levanta-te diante dos cabelos brancos e sê cheio de respeito por um velho”: (Lev 19,32). À velhice estão relacionados atributos como sabedoria e conhecimento. Mas alcançá-la significa, também, aproximar-se da morte, do inexorável: “Viver é envelhecer”, adverte Simone de Beauvoir. O que resulta em sentimentos ambíguos: “Quem é esse que me olha e é tão mais velho que eu? (...) Parece meu velho pai - que já morreu! Como pude ficarmos assim?” (Mário Quintana).

Porém, nas últimas décadas, a beleza, a energia, a saúde e a própria juventude tornaram-se produtos, objetos de nosso desejos pelos quais as pessoas estão dispostas a pagar, custe o que custar. E a cada semana, a indústria oferece-nos um novo produto que retarda o aparecimento das rugas, das marcas da idade, enfim. E é a jornalista Eliane Brum que nos diz: “Numa sociedade em que a juventude é não uma fase da vida, mas um valor, envelhecer é perder valor. Os eufemismos são a expressão dessa desvalorização na linguagem.

Não, eu não sou velho. Sou idoso. Não, eu não moro num asilo. Mas numa casa de repouso. Não, eu não estou na velhice. Faço parte da melhor idade.”

Contudo, para além das questões filosóficas ou mercadológicas, a mudança do perfil etário da população ultrapassou as fronteiras da Europa chegando a outros lugares, inclusive ao Brasil. Esta nova realidade tem demandado respostas concretas do Estado, obrigado a atender a um público numeroso, com necessidades específicas e complexas.

Esta edição da revista *Argumentum* discute justamente as transições e os desafios do envelhecimento no Brasil do século XXI. Pesquisadores de diferentes instituições apresentam aqui os resultados de suas investigações propondo, numa perspectiva multidisciplinar, alternativas de aperfeiçoamento do sistema estatal dedicado ao público idoso.

Somando-se às reflexões advindas das pesquisas apresentadas, segue um frutuoso debate assinado por Vicente de Paula Faleiros, Karla Cristina Giacomini e Maria das Graças Gomes. Esta última encerra seu texto lembrando os recentes falecimentos dos brasileiros João Ubaldo Ribeiro, Rubem Alves e Ariano Suassuna – todos idosos – que nos deixaram órfãos de sua sabedoria e bela escritura. Maria das Graças Go-

mes presta também uma homenagem a Aniele Pinholato, ex-aluna da graduação de Serviço Social e pós-graduação em Política Social da UFES, também falecida em julho passado.

Toda a vida de estudante acadêmica de Aniele foi dedicada ao tema do envelhecimento: estágio, extensão universitária, trabalho de conclusão de curso e dissertação de mestrado que tratou cujo tema foi “Apropriação e expropriação da velhice como um dos elementos para a reprodução do capital”. Embora tenha partiu muito cedo, Aniele deixou-nos um legado que costuma ser atribuído aos mais velhos. Acreditava que o envelhecimento exige estudo e pesquisas, políticas públicas, ações concretas. Que os idosos necessitam de garantias legais, de cuidados especiais e também de carinho. Por que, afinal, “já não se morre de velhice nem de acidente nem de doença, mas, Senhor, só de indiferença” (Cecília Meireles).

Desirée Cipriano Rabelo
Editora
Vitória, ES, 15 de agosto de 2014